

A Experiência da Maternidade em Mulheres Primíparas no Retorno às Atividades Laborais¹

Larissa Gress de Lima²
Cristina Saling Kruehl³

Resumo

O presente estudo objetivou investigar a experiência da maternidade em mulheres primíparas no retorno às atividades laborais. Participaram do estudo três mães primíparas que retornaram ao trabalho após o período de licença a maternidade. Foi realizada uma entrevista semiestruturada e os dados foram analisados através da Análise de Conteúdo. Destacou-se que o planejamento consciente e cuidadoso da gravidez parece ter implicações diretas da atividade de trabalho que a mulher exerce, sendo que quanto maior a dedicação à atividade laboral maior a necessidade de planejamento sobre o nascimento do primeiro filho. Também se ressaltou que durante a licença maternidade a mulher pode não se dedicar exclusivamente ao filho e isto pode estar relacionado à necessidade de assumir outras tarefas. Para finalizar, conclui-se que a maior dificuldade em conciliar a maternidade com o trabalho é a falta de tempo e a sobrecarga de tarefas para a mulher, porém apesar de as mulheres sinalizarem esta dificuldade, sentem-se realizadas com a maternidade e observam a importância do trabalho em suas vidas.

Palavras-chave: maternidade; licença-maternidade; retorno ao trabalho.

The Experience of Motherhood in Primiparous Women in the Return of Labor Activities

Abstract

This study focuses on the experience of maternity in primiparous women in their return to normal work activities. Participants were three

¹ Esta pesquisa corresponde ao trabalho final de graduação da primeira autora sob orientação da segunda.

² Psicóloga pelo Centro Universitário Franciscano (UNIFRA)

³ Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Doutoranda em Distúrbios da Comunicação Humana pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Docente no Centro Universitário Franciscano (UNIFRA)

atividades laborais. Para tanto, inicialmente, serão apresentados aspectos teóricos acerca da concepção histórica da mulher. Posteriormente, serão abordados conteúdos relativos à experiência da maternidade e por fim, a maternidade e o trabalho.

A concepção histórica da mulher

De acordo com Martins (2007), a sociedade humana é histórica, muda conforme o padrão de desenvolvimento da produção, dos valores e normas sociais. Assim, desde que o homem começou a produzir seus alimentos, nas sociedades agrícolas do período neolítico, começaram a se definir papéis para os homens e para as mulheres. Nas sociedades agrícolas já havia a divisão sexual do trabalho, marcada desde sempre pela capacidade reprodutora da mulher, o fato de gerar o filho e de amamentá-lo. O aprendizado da atividade de cuidar foi sendo desenvolvido como uma tarefa da mulher, embora ela também participasse do trabalho do cultivo e da criação de animais. A mulher foi sendo considerada mais frágil e incapaz para assumir a direção e chefia do grupo familiar. O homem, associado à ideia de autoridade devido a sua força física e poder de mando, assumiu o poder dentro da sociedade. Assim, surgiram as sociedades patriarcais, fundadas no poder do homem, do chefe de família (Martins, 2007).

A mulher que fosse vista realizando alguma atividade que não fosse destinada ao lar era vista com indignação pelos moralistas e pensadores da época. Badinter (1985) cita em seu livro duas frases que propõem o seguinte: “A esposa não deve ser primeiro operária, comerciante, camponesa ou mulher da sociedade; ela deve ser antes de tudo mãe” (p. 279). Ou ainda: “O destino da criança, a felicidade da família dependem muito mais de sua presença constante do que do ganho produzido por seu trabalho fora de casa” (p. 279). Assim, não era dada à mulher a opção de trabalhar fora de casa, dela dependia a manutenção da estrutura familiar e a criação dos filhos, sendo assim, a maternidade lhe era forçada como função imprescindível na vida, antes mesmo do que a sua realização pessoal.

Segundo Ariès (1981), as sociedades patriarcais permaneceram ao longo dos tempos, mesmo na sociedade industrial, porém, neste período o mundo do trabalho se dividiu do mundo doméstico. As famílias multigeracionais foram desaparecendo e formou-se a família nuclear. Permaneceu o poder patriarcal na família, mas a mulher das camadas populares foi submetida ao trabalho fabril. Martins (2007) afirma ainda que ao ser incorporado ao mundo do trabalho fabril, a mulher passou a ter uma dupla jornada de trabalho. A ela cabia cuidar da prole, dos afazeres domésticos e

first-time mothers who returned to work after maternity license period. We performed a semi-structured interview and data were analyzed using Analysis of Content. It was underlined that the conscious and careful planning of pregnancy appears to have direct implications on the activity of work that women exercise, being that the greater dedication to the work activity, the greater the need for planning the birth of their first child. It was also pointed out that during maternity license a woman can not devote herself exclusively to her child and this may be related to the need to assume other tasks. Finally, we conclude that the major difficulty in balancing motherhood with work is the lack of time and extra work for women, but even with women signaling this difficulty, they feel accomplished with motherhood and notice the importance of work in their lives.

Keywords: *maternity; maternity license period; return to work.*

Introdução

Com as transformações que a postura, comportamento e subjetividade da mulher vem sofrendo na sociedade contemporânea, é possível constatar que a experiência da maternidade também vem sofrendo modificações. Há algumas décadas atrás, a figura feminina de classe média e média alta era acentuada como mulher-esposa, mulher-mãe, sendo a maternidade sua principal função social. Sua atuação restringia-se ao ambiente doméstico e à maternidade, pois a mulher de classe média e média alta deveria apenas se dedicar aos afazeres do lar e aos cuidados com o marido e os filhos. Os postos de trabalho eram ocupados predominantemente por homens, assim, eles eram os únicos responsáveis pelo sustento da família.

A dinâmica dessa estrutura familiar exigia da mulher atribuições que lhe ocupavam o dia inteiro, tornando-a economicamente dependente do marido. Porém, em função das lutas sociais pela equivalência de direitos com os homens, de uma maior valorização pelo seu trabalho e também por uma real necessidade econômica, as mulheres conquistaram seus direitos e alcançaram um lugar no mercado de trabalho remunerado. Portanto, na atualidade, o lar e a maternidade não são necessariamente a prioridade na vida da mulher.

Uma vez que a mulher contemporânea pode não ter a maternidade como prioridade, seu projeto de vida pode ser pautado por sua escolha profissional, carreira, desejos, e por suas relações amorosas. Assim, torna-se possível repensar o lugar da mulher na família, no trabalho e na sociedade. Considerando tais aspectos, o presente estudo teve como objetivo investigar a experiência da maternidade em mulheres primíparas no retorno às

também do trabalho remunerado. Ainda cabe mencionar que as mulheres pobres sempre trabalharam.

No século XX, segundo Martins (2007), as mulheres começaram uma luta organizada em defesa de seus direitos. A luta das mulheres contra as formas de opressão a que eram submetidas foi denominada de feminismo e a organização das mulheres em prol de melhorias na infraestrutura social foi conhecida como movimento de mulheres. A partir do movimento feminista, ocorreram muitas modificações no papel da mulher na sociedade. O foco da vida da mulher, que antes era voltado para servir ao outro, de acordo com Rocha-Coutinho (1994), deslocou-se então para o seu crescimento e desenvolvimento integral como ser humano. Essa nova ênfase da mulher no crescimento pessoal caminhou para que ela buscasse um novo planejamento de vida mais individualizado, o que levou as mulheres a buscarem realização pessoal também em uma profissão.

Após a década de 1940 cresceu a incorporação da força de trabalho feminino no mercado de trabalho, havendo uma diversificação do tipo de ocupações assumidas pelas mulheres. Porém, no Brasil, foi na década de 1970 que a mulher passou a ingressar de forma mais acentuada. Na atualidade, a mulher encontra-se devidamente inserida no mundo do trabalho, descobrindo sua realização através deste, passando a encontrar satisfação pessoal para além da maternidade. A sociedade contemporânea está inevitavelmente marcada por uma ascensão da mulher no mercado de trabalho e na vida intelectual, marcando um momento histórico que oferece à mulher possibilidades de escolhas ao dirigir a sua vida (Rocha-Coutinho, 1994).

Experiência da maternidade e trabalho

Com a maternidade, a mulher passa por profundas modificações psíquicas, que se produzem no decorrer da gravidez, parto e pós-parto. Dentre as transformações ocorridas está o estado que Winnicott chamou de Preocupação Materna Primária. Winnicott (1987/1999), não hesita em comparar o estado da mãe durante o último trimestre da gravidez e os primeiros meses da vida da criança a uma doença mental. No estado de Preocupação Materna Primária, a mãe centraliza todos os seus investimentos no bebê e nas tarefas maternas, em detrimento dos investimentos exteriores e de sua vida conjugal.

A Preocupação Materna Primária possibilita à mulher identificar-se intensamente com o bebê. Segundo Winnicott (1987/1999), essa identificação possibilita a mãe ir ao encontro das necessidades básicas do recém-nascido, de uma forma que não pode ser ensinada. Assim, mãe e filho se adaptam

e aprendem a se comunicar através do contato, dos sons, do modo de respirar, da textura e do calor da pele e do cheiro. A mãe devotada comum realiza suas tarefas naturalmente, pelo simples fato de ser “ela mesma”. Essa mãe também é denominada de mãe “suficientemente boa”.

De acordo com Stern (1997), após o nascimento do primeiro filho, a vida da mulher passa por grandes mudanças, algumas podem ter sido planejadas durante a gravidez, mas outras irão surpreender. Esta mãe deve passar por uma reelaboração do seu eu como mulher, esposa, amiga, profissional, filha, neta. Há também a reconstrução de seu papel na sociedade, seu lugar em sua família de origem, passando a ser uma pessoa responsável pela vida de outro ser dependente.

Após o nascimento os pais conhecerão o seu bebê na medida em que cuidam dele e o bebê, por sua vez, também responde aos estímulos dos pais. Essa troca ocorre de diferentes formas e de modo bem individualizado. O melhor recurso para exercer o papel de pai ou mãe é a liberdade de conhecer a si mesmo, seguindo as próprias inclinações, e o bebê vai sinalizando se o caminho está certo ou não (Brazelton, 1988).

Como dito anteriormente, com a maternidade a mulher necessita de um período de recuperação. Este período é garantido à mulher trabalhadora com o direito à licença maternidade. Segundo Mandalozzo (1996), a proteção à maternidade é destinada tanto para a mãe, que com a gravidez sofre alterações no seu físico, quanto para o filho, que necessita de cuidados principalmente nos primeiros meses de vida.

Da década de 70 até os dias atuais, o número de mulheres que estão trocando o trabalho doméstico pelo exercício de uma profissão remunerada vem crescendo cada vez mais. Graças à situação econômica brasileira, tornou-se necessária a participação da mulher no sustento da família ou ainda em benefício de seu próprio sustento. Há também o aumento de mulheres trabalhadoras cujos objetivos se findam na independência e na realização profissional. Assim, são milhares de mulheres trabalhadoras que dependem do amparo legal no momento da maternidade.

Segundo Martins (2004), o Brasil assegurou a mulher trabalhadora o direito à licença-maternidade em 1934 e, finalmente, em 1988, o direito de permanecer durante os primeiros meses ao lado de seu filho recém-nascido veio a ser garantido pela Constituição Federal. Então, a licença maternidade ou licença-gestante é um benefício de caráter previdenciário garantido pelo artigo 7º, inciso XVIII da Constituição Brasileira, que consiste em conceder à mulher que deu à luz licença remunerada de 120 dias. Em 09 de setembro de 2008, o Presidente da República sancionou a Lei 11.770 que cria o Programa Empresa Cidadã, destinado à prorrogação da licença maternidade

por até 60 dias, mediante concessão de incentivo fiscal (Diário Oficial da União, 2008). Toda mulher trabalhadora empregada tem esse direito. O salário da trabalhadora em licença é chamado de salário-maternidade e é pago pelo empregador e por ele descontado dos recolhimentos habituais devidos à Previdência Social. A Constituição também garante que, do momento em que se confirma a gravidez até cinco meses após o parto, a mulher não pode ser demitida.

No que concerne à proteção à maternidade, Carvalho (1989) afirma que as medidas legais têm um objetivo de caráter social, uma vez que, ao proteger a maternidade está-se preservando a mãe e mulher trabalhadora, estimulando e mantendo a mulher empregada. Assim, conservam-se as forças vitais da mulher e se permite que ela cumpra normalmente com as funções maternas. Cabe ressaltar que a legislação protege tanto as mães casadas quanto às solteiras, com o objetivo de bem-estar das futuras gerações.

Método

Participantes

Participaram deste estudo três mulheres primíparas, com idade entre 30 e 39 anos, que coabitavam com o pai do bebê, e moravam em uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul. Todas as participantes trabalham como professoras universitárias e tiveram quatro meses de licença maternidade. As crianças tinham idade entre seis e oito meses no momento da entrevista, conforme será descrito. Para o presente estudo, foram utilizados nomes fictícios, e outras informações também foram modificadas a fim de preservar a identidade das participantes.

Paula tinha 30 anos no momento da entrevista, era casada e ela era nutricionista e professora universitária, mãe de João, que no momento da entrevista tinha sete meses de idade. A segunda participante é Rita, 31 anos, era nutricionista e professora universitária. Rita é mãe de Marina, seis meses de idade. A terceira participante é Vera, 39 anos, casada, fisioterapeuta e professora universitária, e mãe de Vitor, que tinha oito meses no momento da entrevista.

As participantes foram convidadas a participar do estudo por conveniência. Conforme Gil (2006) a amostra por conveniência também chamada de amostra por acessibilidade é utilizada em pesquisas qualitativas, por não pressupor um rigor estatístico. Sendo assim, nessa forma de escolha o pesquisador seleciona como participantes as pessoas que tem acesso, à medida que estas representem os critérios dos participantes para a pesquisa.

Delineamento

Esta pesquisa é de cunho qualitativo, pois propõem interpretações da realidade social, evitando números e possibilitando maior profundidade sobre o fenômeno estudado (Bauer, Gaskell & Allum, 2002). Denzin e Lincoln (2006) afirmam que a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que os pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

O método utilizado foi o estudo de caso coletivo. Segundo Stake (1994), este método possibilita a investigação de um fenômeno, população ou condição geral em certo número de casos, semelhantes ou diferentes, conjuntamente. A escolha dos casos foi realizada com o intuito de que estes possibilitassem a compreensão ou a teorização mais ampla sobre um conjunto ainda maior de casos.

Procedimentos e instrumentos

As mães foram contatadas por indicação de colegas e professores da instituição onde estas trabalham. O primeiro contato foi feito por e-mail, no qual essas foram informadas acerca dos objetivos da pesquisa e convidadas a participar. Assim que aceitaram, foi agendado o encontro para a entrevista, no qual preencheram a ficha de dados demográficos, e então foi lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual foi assinado por elas.

Em seguida as mães responderam individualmente à entrevista semiestruturada intitulada Entrevista sobre a Experiência da Maternidade no Retorno às Atividades Laborais. O roteiro de entrevista foi composto por questões que contemplaram os seguintes temas: mudanças ocorridas com a maternidade, a nova realidade após o nascimento do filho, e o trabalho conciliado com a maternidade. As entrevistas foram gravadas, e posteriormente transcritas.

Considerações éticas

As participantes deste estudo foram informadas sobre os objetivos do mesmo e foi solicitada permissão para uso de suas informações, garantindo-lhes o anonimato através do uso de nomes fictícios, e alteração de outras informações relevantes. As mulheres participantes também puderam decidir livremente sobre a disponibilidade de participar do estudo, que foi subme-

tido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), sob o protocolo número 361.2010.2, conforme as normas regulamentadas envolvendo pesquisas com seres humanos contidos na resolução N° 016/2000, do Conselho Federal de Psicologia (CFP) e do Conselho Nacional de Saúde, resolução N° 196/1996.

Resultados e discussão

Os dados do presente estudo foram examinados através da Análise de Conteúdo Qualitativa, proposta por Bardin (1977) e Laville e Dionne (1999). Através das entrevistas buscaram-se investigar a experiência da maternidade em mulheres primíparas no retorno às atividades laborais. A análise de conteúdo foi realizada a partir do recorte de falas das mães, agrupadas segundo semelhanças e particularidades encontradas. Foram elencadas três categorias, a saber, Estou grávida! E agora?, Nove meses na vida da mulher trabalhadora, e Dupla jornada de trabalho.

Estou grávida! E agora?

Segundo Pittman, 1994, no passado os casais tinham maior consciência da iminência da parentalidade, uma vez que a gravidez ocorria logo após o casamento e o início da vida sexual. Entretanto, atualmente, muitos casais têm a possibilidade de desassociar a parentalidade do início da atividade sexual e do casamento. Desta maneira, o nascimento dos filhos passou a poder ser planejado.

Conforme já exposto, antigamente, as mulheres de classe média e média alta tinham uma função materna bem definida e, principalmente a partir da década de 70, tais valores passaram por uma reestruturação. Com isso a maternidade passou a ser configurada como uma opção que pode ser adiada, planejada e até mesmo descartada (Martins, 2007). Com relação à gravidez do primeiro filho, constatou-se que as três entrevistadas a planejaram com muito cuidado:

“A gente planejou ter um bebê, e daí eu parei de tomar remédio, engravidei bem em seguida. Eu fazia doutorado, ia esperar o final do doutorado pra daí ter um filho, mas aí a gente resolveu ter antes. E eu tô tendo um filho no meio do doutorado.” [sic] (Paula)

“A minha gravidez foi bem planejada. Nos casamos e eu tive que ir pra Rio Grande pra fazer o doutorado, daí quando eu voltei comecei a trabalhar na universidade, aí eu disse, bom agora vou esperar um ano, daí a gente começa a tentar. Aí depois de um ano que eu já estava aqui, nós

começamos a tentar, aí eu engravidei no quarto mês.” [sic] (Rita)

“Minha gravidez foi bem planejada, na verdade eu tive outro relacionamento antes, e não tive filhos. E estou com esse meu atual esposo há cinco anos, e aí parei de tomar anticoncepcional em março e aí em outubro eu engravidei, eu queria muito ser mãe.” [sic] (Vera)

A partir das falas pode-se constatar que as três mulheres tinham um grande desejo de ser mãe e todas haviam conscientemente planejado a gravidez. Este planejamento da gravidez pode estar relacionado ao trabalho que elas exercem, pois todas são professoras universitárias. Sendo esta uma profissão que exige delas um planejamento mais atrelado à formação, pois se necessita de mestrado, doutorado, e, além disso, dedicação e muito empenho profissional como leitura diária e produção constante de artigos. E ainda em relação ao planejamento, pode-se pensar que a mulher que deseja se tornar uma pessoa realizada e bem-sucedida na sua profissão acaba se dedicando primeiramente à vida profissional, e deixa assim, a maternidade para um segundo momento.

Pode-se pensar que a gravidez inicia para a mulher no momento em que um exame laboratorial, farmacêutico ou médico confirma tal suspeita. De acordo com Brazelton (1992), no passado a mulher esperava por certo tempo até que seu corpo confirmasse a gravidez, hoje, o mais provável é que ela saiba da notícia da gravidez mais rapidamente. No momento em que a mulher recebe a notícia da gravidez, ela toma consciência de que entrou em uma nova fase de sua vida, o que pode ser confirmado nas falas das entrevistadas: “Saber que eu estava grávida foi maravilhoso, foi muito bom. No início foi meio assim, dá um susto, tipo eu chorei o final de semana inteiro, em função da preocupação, do doutorado, como é que vai ser, vem aquela insegurança né? Mas depois foi só curtidão, foi só esse final de semana de pânico, de choro, e depois foi só curtir.” [sic] (Paula)

“Eu sempre quis muito ser mãe, então quando soube que seria mãe, eu fiquei realizada, eu tava muito feliz, muito feliz, foi tudo na hora certa, a gente já estava bem preparados pra ser pais.” [sic] (Rita)

“Quando soube que seria mãe senti muita felicidade era um sonho que eu tinha ser mãe, se eu não tivesse nenê eu ia me sentir muito frustrada na vida, porque era uma vontade muito grande, era muito forte isso em mim.” [sic] (Vera)

Ainda segundo Brazelton (1992), no início da gravidez, ou no momento da notícia, a mulher pode ficar eufórica, e essa euforia, pode ser substituída quase que imediatamente pela consciência de futura responsabilidade. Quando a gravidez é conscientemente planejada é provável que a compreensão sobre a responsabilidade inerente a maternidade já exista, ainda

assim, o momento da confirmação da gravidez pode vir acompanhado de medo dessa futura responsabilidade, o que pode se confirmar com a fala de Paula: “Eu tive medo da questão da responsabilidade, de querer ser a melhor mãe do mundo e ter medo de não conseguir, ter medo de a gestação ter algum problema, de dar algum problema, de ficar de cama, de não conseguir trabalhar, me deu uma insegurança. Pois tem muita gestação que não é tranquila.” [sic]

Pode-se inferir que uma grande parte das mulheres grávidas, mesmo tendo planejado a gravidez, em algum momento próximo a confirmação da gestação, fazem a pergunta: “E agora?” E essa pergunta pode vir acompanhada por inúmeras outras perguntas, preocupações, dúvidas, expectativas e medo de não conseguir conciliar a gestação e o trabalho. E isso tudo, porque os sentimentos envolvidos são múltiplos e intensos.

Nove meses na vida da mulher trabalhadora

A gravidez pode ser vista como um esforço físico. Brazelton (1988) relata a gravidez como uma readaptação dos mecanismos corporais e psicológicos, e isso toma muita energia da mulher grávida. Entretanto, a mulher que trabalha, muitas vezes, não pode e possivelmente não deva deixar as atividades laborais para se preparar para o novo papel. Pelo menos até o início da licença maternidade grande parte das mulheres seguem com sua rotina no trabalho, e as três mulheres entrevistadas conseguiram manter suas rotinas normalmente durante a gestação: “Durante minha gestação minha rotina da universidade continuou a mesma coisa, nunca faltei por causa da gestação. Na minha empresa não mudou nada, viajei, dirigi ate ganhar, as pessoas passam a ter mais cuidado contigo, mas minha rotina em si não mudou.” [sic] (Paula).

“Na minha gestação eu tive que falar mais devagar nas aulas, eu perdi um pouco da noção do espaço que eu tava ocupando, às vezes me batia com a barriga em algumas coisas, mas só isso, de resto aula normal, minha rotina não mudou nada, foi mais o falar devagar mesmo.” [sic] (Rita)

“A minha gravidez foi muito tranquila, tanto que eu não faltei um dia com meus compromissos. Tudo bem tinha alguns dias que eu estava mais cansada, mas não que não fizesse ou não conseguisse fazer as coisas, eu consegui cumprir todas as minhas atividades, minha rotina não mudou.” [sic] (Vera)

Percebe-se que as participantes do estudo tiveram uma gestação saudável, de maneira que conseguiram se adaptar às mudanças do corpo. Então, como não houve complicações durante os nove meses de gestação,

elas conseguiram dar continuidade normalmente às suas atividades laborais. Pode-se também perceber que as participantes tiveram seus direitos à licença maternidade de quatro meses atendidos, porém Paula e Vera ficaram afastadas somente do seu trabalho na universidade, pois continuaram envolvidas em outras atividades durante o período de licença. Paula aproveitou para se dedicar bastante ao doutorado: “Eu tive licença maternidade, fiquei quatro meses afastada da universidade, consultoria alguma coisa eu trabalhei em casa, e o doutorado eu não parei, pelo contrário eu aproveitei minha licença pra tocar bastante ele.” [sic]

Já Vera, como teve que reduzir suas atividades, se envolveu com sua clínica durante seu período de licença: “Durante minha licença, com a universidade eu não me preocupei em nada, porque eu sabia que tinha aquele tempo de licença, quanto à clínica já sabia que tendo nenê teria que reduzir minhas atividades, aí eu acabei então me preocupando com a clínica, então eu não fiquei envolvida só com meu filho, mas com a clínica também”. [sic]

Pode-se inferir que a mulher contemporânea dedica-se a diversas atividades profissionais e é possível que não se sinta autorizada a desfrutar completamente da licença maternidade. Além disso, algumas mulheres não conseguem conciliar todas as atividades de trabalho que desenvolviam antes do nascimento do primeiro filho com os cuidados à criança. Após o nascimento do filho, Vera teve que mudar seu ritmo de trabalho e diminuir suas atividades: “Mas aí chegou a um ponto que em dezembro agora eu fechei a clínica, fechei porque eu tinha um ritmo de vida muito corrido e com o nenê eu sei que não posso me dar o luxo mais de fazer, pelo menos agora enquanto ele é pequeno”. [sic] Através de sua fala pode-se perceber que não foi fácil abdicar de algumas atividades pela maternidade: “Teve um dia lá que eu entrei e chorei, porque sempre foi um sonho pra mim, e ter que abdicar da minha clínica foi bem difícil.” [sic]

Levando em consideração a fala de Vera, pode-se pensar que a mulher que deseja se tornar uma pessoa realizada e bem-sucedida na sua profissão acaba se dedicando intensamente à vida profissional e, muitas vezes, opta pela maternidade apenas quando sente que conquistou seu espaço no mercado de trabalho. Mesmo assim, tomar a decisão de engravidar nem sempre é fácil, pois conciliar o papel de mãe e de profissional é um dos principais desafios para mulher trabalhadora. Assim, muitas vezes a mulher se depara dividida entre o sonho da maternidade e o sonho do sucesso na profissão.

Ainda a respeito disso, Paula disse ter sentindo falta de ficar mais tempo com o filho durante a licença maternidade, mas acredita ser mais

saudável não se dedicar tempo integral ao filho: “Aproveitei a minha licença pra fazer coisas que a gente nunca tem tempo também, queria tá o tempo todo com ele, mas tinha que fazer as coisas, eu tive uma rotina pra mim. Não tive aqueles quatro meses focados apenas pro filho, nunca fiquei 100% João, eu acho que isso não é muito saudável, a gente fica neurótica, acho que até o filho se estressa.” [sic]

Pode-se constatar que Paula, mesmo tendo vontade de ficar junto ao filho, dividiu seu tempo entre o filho e outros afazeres que nem sempre estavam relacionados ao trabalho, sendo atividades domésticas, as quais com a rotina anterior do trabalho não teria tido tempo de fazer. Dessa forma, na maioria das vezes a mulher trabalhadora além das responsabilidades e compromissos relacionados ao trabalho, tem que se responsabilizar pelos afazeres da casa. Ainda assim, cabe destacar que as demais atividades mencionadas por Paula, tanto de trabalho, quando domésticas, parece ter servido como uma forma de desopilar das atividades maternas, que tendem a ser muito intensas e desgastantes. Nestes casos, pode ser importante para algumas mulheres ter alguém para compartilhar os cuidados iniciais ao bebê, para que elas possam ter momentos de ócio, de descanso e envolver-se com tarefas diversas, como de cuidado a ela própria e da casa.

Dentre as mães entrevistadas, apenas Rita relatou dedicar-se exclusivamente à filha após o seu nascimento: “Eu tive quatro meses de licença maternidade, e nesse tempo não fiz nada do trabalho, eu só fiquei com a minha filha. Eu não pensei em trabalho, nada, eu só aproveitei minha filha. Apaga trabalho, quando eu voltar eu volto. Não tive nenhuma preocupação mesmo, vivi só para ela.” [sic] Pode-se pensar que Rita viveu intensamente o estado de Preocupação Materna Primária, no qual, conforme Winnicott (1987/1999), a mãe centraliza todos os seus investimentos no bebê e nas tarefas maternas, em detrimento dos investimentos exteriores. Conforme já mencionado, este estado psicológico especial acomete as mulheres ao final da gestação e nas semanas que sucedem o parto. A mãe capaz de vivenciar esse estado volta-se naturalmente para as tarefas da maternidade temporariamente é designada como mãe dedicada comum.

Pode-se concluir então que com a gravidez a mulher passa por grandes transformações, tanto físicas como mudanças hormonais e fisiológicas, quanto psicológicas, pelas expectativas, inseguranças e medo de não dar conta de tudo, e de não conseguir conciliar a maternidade e a profissão. Porém, muitas delas conseguem manter normalmente a rotina no trabalho até iniciar a licença maternidade. Durante o período de licença maternidade, a mulher encontra-se dividida novamente e o dilema anterior de conciliar a maternidade com a vida profissional, é substituído pelo empasse entre

dedicar-se exclusivamente ao filho, ou seguir realizando algumas atividades tanto do âmbito profissional como do lar.

Dupla jornada de trabalho

Ao fim da licença maternidade a mulher deve retomar suas atividades laborais anteriores ao nascimento do filho, que para ela, pode significar a garantia da subsistência da vida familiar e a realização profissional. Assim, ela pode vivenciar um conflito, pois sente que gostaria de dar primazia à criança e de permanecer com esta por maior tempo, mas com o trabalho isso não é possível (Mandalozzo, 1996).

O retorno ao trabalho significa concretamente uma separação entre a mãe e o filho, podendo ser ou não uma situação angustiante e dolorosa para a mulher, mesmo que esta tenha local adequado e pessoas confiáveis para cuidar da criança na sua ausência. Apesar de este dilema ser comum a grande parte das mulheres, a possibilidade de ter uma pessoa de confiança para cuidar do bebê favorece a mãe que precisa retornar ao trabalho. Percebeu-se que as participantes que tinham esse apoio, sentiam-se mais tranquilas: “Eu não tive preocupação alguma em deixar o João para ir trabalhar, foi tudo bem tranquilo. . . . não tenho problema quanto a isso, porque eu sei que ele está sendo bem cuidado. Eu acho que por ele ser tranquilo também, eu ligo pra saber como ele tá, pergunto tá bem, tá bem, fez cocô, se alimentou.” [sic] (Paula)

“Foi bom e tranquilo voltar a trabalhar, eu achei que eu ia ficar muito triste de deixar a Marina e voltar ao trabalho, mas não fiquei. Não foi ruim deixar a Marina, porque eu sabia que ela tava bem cuidada, ou ela ficava com o pai, ou ela ficava com minha mãe, então já sabiam cuidar né, não fiquei preocupada, só dava uma saudade né, porque era estranho eu sair sem ela.” [sic] (Rita)

Ainda assim, a possibilidade de ter alguém de confiança para cuidar do filho, pode não amenizar a separação, o que pode ser observado na fala de Vera: “Eu saí e deixei o Vitor lá na mãe, bem cedinho, quando eu o deixei lá, a moça que trabalha na mãe, o pegou no colo e ficou me abanando, nossa, me deu uma sensação de vazio, essa primeira vez foi como se eu tivesse cortando o cordão umbilical, cortando o vínculo aquele de quatro meses, porque foram quatro meses com ele.” [sic]

Considerando o caso de Vera, pode-se inferir que seja difícil para a mulher perceber que outra pessoa irá substituí-la nos cuidados ao filho. De acordo com Lacan (1949/1988), a mãe vê o bebê como seu objeto privilegiado de desejo, e por sua vez essa mãe espera que também seja

tomada desse mesmo lugar pelo filho. Por isso é tão difícil para a mãe ver o filho sendo cuidado por outra pessoa.

Com a volta ao trabalho fora de casa, surge a preocupação de como conciliar essa tarefa com os cuidados ao bebê: “Eu acho que ele não entende ainda que eu tô saindo pra ir trabalhar, mas eu explico, sempre falo a mãe tá indo trabalhar, mas depois à mãe volta, dou beijinho, mas ele não entende eu acho. E eu me adequei de forma que quando eu chego em casa, eu fico só com ele, não importa o que tenha pra fazer do trabalho, eu paro e fico só com ele.” [sic] (Paula)

Rita também afirma que antes trabalhava em casa, mas agora quando chega do trabalho fica com a filha: “De noite quando chego meu marido vai pra aula, e aí eu que fico com a Marina, tenho que dar atenção, porque já fiquei o dia todo longe dela.” [sic]

Como já era de se esperar, as três participantes do estudo destacaram como sendo o tempo, a dificuldade em conciliar o trabalho com a maternidade, dado já mencionado há alguns anos pelas mulheres trabalhadoras em conversas informais e pela mídia de um modo geral: “Foi tudo bem tranquilo, só o tempo, agora tenho que deixar de fazer as coisas do trabalho em casa pra poder ficar com ele.” [sic] (Paula).

Deve-se reforçar ainda que a profissão de professor exige dedicação para além do horário de aula: “A dificuldade de conciliar trabalho e maternidade é o tempo, ter tempo pra trabalhar em casa, porque professor não é só dar aula né, a gente chega em casa tem que preparar aula, tem que corrigir trabalhos, pesquisar, atualizar, essa é minha dificuldade agora, ter tempo fora da universidade pra fazer essas coisas em casa, porque agora eu tenho ela.” [sic] (Rita).

Vera referiu ainda que o papel de mãe seja somado ao papel de trabalhadora, esposa e dona de casa: “Pra nós mulheres isso tudo soma, a gente tem que ser mãe, temos que ser trabalhadora, temos que ser esposa e temos que ser amante. Então é uma sobrecarga das tarefas, a gente tem que conseguir dar conta de tudo, o tempo acaba ficando apertado pra conseguir fazer tudo.” [sic]

Pode-se perceber que as mulheres participantes do estudo passaram por dificuldades, mas é esperado delas que superem essa fase conturbada, já que não podem deixar de trabalhar depois do nascimento do bebê. Assim, elas acabam se desdobrando em duas ou três jornadas de trabalho para conseguirem dar conta de toda sobrecarga, pois apesar de trabalhar fora, atualmente, a mulher ainda acaba sendo a principal responsável por cuidar do filho, da casa e da família.

Conforme Brazelton (1988) a mãe vai conhecendo o seu bebê na

medida em que cuida e convive com ele, e segundo Winnicott (1987/1999), essa mãe vai se identificando com o filho e cada expressão ou novo movimento é muito gratificante para ela. Essa gratificação fica clara na fala das três mães, que ao se expressarem em relação à experiência de ser mãe, falam do quanto é bom ver o sorriso dos filhos: “Ser mãe é bom demais, e meu filho é maravilhoso ele é tranquilo demais, é muito bom chegar em casa e ter ele lá, o ver sorrir pra mim.” [sic] (Paula)

“Ser mãe é tudo de bom, nossa tu ver aquele sorriso coisa mais querida, ela é muito mimosa, tá sendo ótimo ser mãe. Ai quando eu chego em casa ela já esta sorrindo ali pra mim.” [sic] (Rita)

“Mas ser mãe é maravilhoso, é muito bom, ver aquele sorriso, cada dia a gente descobre uma coisa diferente, é muito bom mesmo.” [sic] (Vera)

Portanto, as três mulheres participantes do estudo demonstraram sentimentos positivos em relação à maternidade, e parece que a satisfação de ser mãe se sobressai diante das dificuldades em conciliá-la ao trabalho. A realização profissional está ficando cada vez mais valorizada pela mulher contemporânea de classe média e média alta e elas vêm conquistando cada vez mais espaço no mercado de trabalho, o que representa um avanço importante, tendo em vista as possibilidades que isso traz para a conquista da autonomia e para a realização pessoal delas, a qual muitas vezes se completa apenas com o sonho da maternidade também realizado.

Conclusões

O presente trabalho teve como objetivo investigar a experiência da maternidade em mulheres primíparas no retorno às atividades laborais. Tal experiência foi vista desde o momento da concepção do filho e sobre isso, os resultados demonstraram que as três participantes planejaram conscientemente e junto ao companheiro, a sua gravidez. O que parece ter implicações diretas da atividade de trabalho que a mulher exerce, sendo que quanto maior a dedicação à atividade laboral maior a necessidade de planejamento sobre o nascimento do primeiro filho. Porém, sabe-se que mesmo a mulher tendo planejado sua gravidez, o momento da confirmação da notícia pode gerar dúvidas, angústias e medos.

Observou-se que é esperado da mulher trabalhadora que esta consiga seguir normalmente com sua rotina de trabalho até o início da licença maternidade e as mães tendem a não se dedicarem exclusivamente ao filho durante o período de licença, pois muitas vezes seguem realizando atividades relacionadas ao trabalho, ou se envolvem em afazeres domésticos. Isso pode ocorrer tanto por necessidade de assumir tais tarefas, quanto

como uma forma de diversificar as atividades deste período, desopilando das tarefas intensas da maternidade.

Pôde-se perceber também que o retorno ao trabalho é a concretização da separação física em relação ao filho. Esse momento pode ser doloroso mesmo para mulheres que tenham alguém de confiança para cuidar do filho e isto pode estar relacionado à dificuldade da mãe de ver o filho sob cuidados de outro alguém. Destaca-se ainda, que a maior dificuldade em conciliar a maternidade com o trabalho é o tempo, porque há uma sobrecarga de tarefas para a mulher, pois, ela tem que ser trabalhadora, esposa, mãe e dona de casa.

Cabe mencionar que os resultados deste trabalho não são generalizáveis, visto que foi entrevistado um número reduzido de mulheres e que todas exerciam a mesma profissão. Sugere-se que pesquisas futuras investiguem a experiência da maternidade com mulheres autônomas, que não tem direito à licença maternidade remunerada, com mulheres que exercem papel de chefia no trabalho, fato que acarretaria mais responsabilidades para ela, ou ainda com mulheres que fizeram inseminação artificial.

É importante ressaltar que a experiência da maternidade das mulheres que participaram do estudo também pode apresentar diferenças em relação à experiência da maternidade de mulheres que não residem com o companheiro, como também de mulheres de baixo poder aquisitivo, ou ainda de mulheres que vivenciaram o processo de adoção do filho. Para finalizar, cabe mencionar que as conclusões do presente estudo podem ser úteis para se pensar o papel social da mulher na contemporaneidade, e a partir disso rever a imagem de fragilidade da mulher socialmente imposta e difundida.

Referências

- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família*. 2. ed. Petrópolis: Vozes.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bauer, M., & Gaskell, G. (2002). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- Bowen, M. (1991). *De la familia al individuo*. Buenos Aires: Paidós.
- Brazelton, T. B. (1988). *O desenvolvimento do apego: Uma família em formação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Brazelton, T. B. (1992). *As primeiras relações*. São Paulo: Martins Fontes.

- Carvalho, S. (1989). *A mulher e o Direito Constitucional do Trabalho*. São Paulo: Synthesis.
- Denzin, N., & Lincoln, Y. (2006). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed.
- Diário Oficial da União (2008). *República Federativa do Brasil*. Imprensa Nacional, 175.
- Gil, A. C. (2006). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- Houzel, D. (2004). As implicações da parentalidade. In Solis-Ponton (Org.). *Ser pai, ser mãe: parentalidade: Um desafio para o terceiro milênio. Uma homenagem internacional a Serge Lebovici* (pp. 47-51). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lacan, J. (1988). *El estadio del espejo como formador de la función del yo (je) tal como se nos revela en la experiencia psicoanalítica. Escritos*. Argentina: Siglo XXI. (Original publicado em 1949).
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: ArtMed.
- Lebovici, S., & Solis-Ponton, L. (2004). Diálogo Letícia Solis-Ponton e Serge Lebovici. In Solis-Ponton (Org.). *Ser pai, ser mãe: parentalidade: Um desafio para o terceiro milênio. Uma homenagem internacional a Serge Lebovici* (pp. 21-28). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mandalosso, S. S. N. (1996). *A maternidade no trabalho*. Curitiba: Juruá.
- Martins, K. A. *Papel da mulher na sociedade*. Retirado em 04/06/2011, no World Wide Web: <http://pt.shvoong.com/social-sciences/sociology/1653449-papel-da-mulher-na-sociedade>.
- Martins, S. P. (2004). *Direito do trabalho*. 2ª. ed. São Paulo: Atlas.
- Meneses, C. C. (2001). *A relação conjugal na transição para a parentalidade: Da gestação ao segundo ano de vida do bebê*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Porto Alegre. Brasil.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Pittman, F. (1994). *Mentiras privadas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Rocha-Coutinho, M. L. (1994). *Tecendo por trás dos panos: A mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Silva, I. A. (2005). A vivência de amamentar para trabalhadoras e estudantes de uma universidade pública. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 58(6), 641-646.
- Stake, R. E. (1994). Case Studies. In N. Denzin & Y. Lincoln (Orgs.), *Handbook of qualitative research* (pp. 236-247). London: Sage.
- Stern, D. N. (1997). *A constelação da maternidade: O panorama da psico-*

terapia pais/bebê. Porto Alegre: Artes Médicas.

Winnicott, D. W. (1999). *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes.

Endereço para correspondência

larissa_gressdelima@hotmail.com

cristinaskruel@gmail.com

Enviado em 26/01/2012

1ª revisão em 19/07/2012

Aceito em 24/07/2012